

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Revisão de Escopo sobre Instrumentos de Avaliação Utilizados em
Terapia Assistida por Cães

Discente do Curso de Mestrado Acadêmico: Caroline Cristina Bruno

Orientadora: Profa. Dra. Mirela de Oliveira Figueiredo

São Carlos, 2024

Resumo

Introdução: A Terapia Assistida por Animais (TAA) é um tipo de Intervenção Assistida por Animais (IAA) que consiste na incorporação intencional de uma espécie animal em uma intervenção de caráter terapêutico conforme os objetivos estabelecidos previamente. O cão é um dos animais mais frequentemente incorporados em TAA. Há literatura que indica a necessidade de medidas confiáveis para avaliação da eficácia e dos benefícios de tal tipo de terapia. O estudo de Wilson e Netting (2012) versou sobre o status do desenvolvimento de ferramentas/instrumentos de avaliação no campo das Interações Humano-Animais (IHA), sendo que a TAA se insere neste campo, mas tal campo não se resume a IAA, nem a este tipo de terapia. Tal estudo, identificou 140 ferramentas/instrumentos de avaliação, sendo que apenas 6 eram voltadas para a avaliação da efetividade de algum tipo de IAA. Destas 6, 4 foram utilizadas em TAA, um em Atividade Assistida por Animais (AAA) e um em Educação Assistida por Animais (EAA), sendo o cão o animal incorporado em 5 dos estudos e em um o cavalo. Wilson e Netting (2012) concluem que pelos dados encontrados não é possível realizar uma meta-análise sobre o atual estado das ferramentas/instrumentos no campo da IHA e indicam a necessidade de novas revisões sobre as ferramentas/instrumentos utilizados enfocando a finalidade de sua utilização. Nesta direção, realizar uma revisão sobre ferramentas/instrumentos utilizados em algum tipo de IAA, especificamente em TAA, seria de relevância acadêmica contribuindo para o avanço e aprofundamento no conhecimento sobre as medidas confiáveis para avaliação da eficácia e dos benefícios de tal tipo de terapia.

Objetivos: a) identificar, caracterizar e avaliar os níveis de evidências de estudos sobre terapia assistida por cães e que utilizaram ferramentas/instrumentos de avaliação que mensurem efeitos de tal terapia, b) identificar e descrever as ferramentas/instrumentos de avaliação.

Metodologia: revisão de escopo nas bases Nacional Library of Medicine's (PubMed), Elsevier's, Scielo e Google Acadêmico no período de 2009 a 2023. Foram realizadas duas buscas, por meio da estratégia de busca booleana, com descritores diferentes, na primeira busca adotou-se “animal assisted intervention” AND/OR “animal assisted therapy”, na segunda busca utilizou-se “bonding” AND/OR “human-pet” (os mesmos descritores de Wilson e Netting (2012)). Foi utilizada a plataforma Rayyan para organização dos dados. A análise dos dados foi primeiramente quantitativa, com o somatório das publicações encontradas e da amostra final, sendo os achados expressos em fluxograma, gráficos e tabelas. Em segundo, a análise foi qualitativa, envolvendo a leitura de todas as publicações na íntegra e extração das informações que respondam as perguntas investigativas. Na primeira busca foram encontradas 401 publicações, após a remoção de 14 duplicatas. Já na segunda busca, foram encontrados 546 estudos, após a remoção de 33 duplicatas. Após a leitura dos títulos e resumos foram excluídas 397 publicações oriundas da primeira busca e 545 publicações da segunda busca, pois não cumpriam com os critérios de inclusão. No entanto, a única publicação oriunda da segunda constituía uma duplicata de uma publicação encontrada na primeira. Dessa forma, a amostra final foi composta por 4 publicações.

Resultados: A amostra foi composta pelas publicações de Silva e Osório (2018), Ávila-Álvarez et al. (2020), Walden et al. (2020) e Moreira et al. (2016), sendo que em todas foi concretizada terapia assistida por cães em crianças com idade variando entre 30 meses até 12 anos. No estudo de Silva e Osório (2018) que avaliou as impressões de crianças em tratamento oncológico ambulatorial sobre o programa de Terapia Assistida por Cães (TAC) que participavam, tal avaliação ocorreu por meio de um instrumento elaborado pelos autores, composto por cinco questões e não validado. Já no estudo de Ávila-Álvarez et al. (2020) avaliou os efeitos da TAC na área da participação social e mudanças que ocorrem em crianças no Transtorno do Espectro Autista (TEA), a avaliação ocorreu por meio do questionário criado por Richeson e McCullough (2002) composto por nove itens, com perguntas sobre a frequência de interação criança-cão, que foi previamente validado pelos autores que o criaram. O estudo de Walden et al. (2020) avaliou o impacto da TAC em crianças hospitalizadas por meio de um questionário com 5 perguntas, criado por Wu

et al. (2002), ainda não validado. Já o estudo de Moreira et al. (2016) entrevistou dez responsáveis e seis enfermeiros que estiveram presentes no processo de tratamento oncológico de crianças e adolescentes que passaram por TAC.

Palavras-chave: instrumento de avaliação; medida de avaliação; Terapia Assistida por Animais; Cães.

Abstract

Introduction: Animal-Assisted Therapy (AAT) is a type of Animal-Assisted Intervention (AAI) that consists of the intentional incorporation of an animal species in a therapeutic intervention according to previously defined objectives. The dog is one of the animals most frequently incorporated into AAT. There is literature that indicates the need for reliable measures to evaluate the effectiveness and benefits of this type of therapy. The study by Wilson and Netting (2012) was about the status of the development of assessment tools/instruments in the field of Human-Animal Interactions (HAI), with AAT falling within this field, but this field is not limited to AAI, nor this type of therapy. This study agreed with 140 evaluation tools/instruments, of which only 6 were specific for evaluating the effectiveness of some type of AAI. Of these 6, 4 were used in AAT, one in Animal Assisted Activity (AAA) and one in Animal Assisted Education (AAE), with the dog being the animal incorporated in 5 of the studies and the horse in one. Wilson and Netting (2012) conclude that based on the data found, it is not possible to carry out a meta-analysis on the current state of tools/instruments in the field of HAI and indicate the need for new reviews on the tools/instruments used, focusing on the purpose of their use. In this direction, we carried out a review of tools/instruments used in some type of AAI, specifically in AAT, a series of academic relevance contributing to the advancement and deepening of knowledge about reliable measures for evaluating the effectiveness and benefits of such type of therapy.

Objectives: a) identify, characterize and evaluate the levels of evidence of studies on canine-assisted therapy that used evaluation tools/instruments that measure the effects of such therapy, b) identify and describe the evaluation tools/instruments.

Methodology: scoping review in the National Library of Medicine's (PubMed), Elsevier's, Scielo and Google Scholar databases in the period from 2009 to 2023. Two searches were carried out, using the Boolean search strategy, with different descriptors, in the first search adopted - if “animal assisted intervention” AND/OR “animal assisted therapy”, in the second search we used “bonding” AND/OR “human-pet” (the same

descriptors as Wilson and Netting (2012). The Rayyan platform was used to data organization. Data analysis was firstly quantitative, with the sum of the publications found and the final sample, with the findings expressed in a flowchart, graphs and tables. Secondly, the analysis was qualitative, involving the reading of all publications in the data. integrates and extracts information that answers the investigative questions. In the first search, 401 publications were found, after removing 14 duplicates. In the second search, 546 studies were found, after removing 33 duplicates. After reading the titles and abstracts, 397 publications from the first search and 545 publications from the second search were excluded, as they did not meet the inclusion criteria. However, the only publication from the second was a duplicate of a publication found in the first. Thus, the final sample consisted of 4 publications.

Results: The sample was composed of publications by Silva and Osório (2018), Ávila-Álvarez et al. (2020), Walden et al. (2020) and Moreira et al. (2016), and in all of them, canine-assisted therapy was carried out in children aged between 30 months and 12 years. In the study by Silva and Osório (2018), which evaluated the impressions of children undergoing outpatient cancer treatment about the Canine Assisted Therapy (CAT) program in which they participated, this assessment took place using an instrument created by the authors, consisting of five questions and not validated. In the study by Ávila-Álvarez et al. (2020) evaluated the effects of CAT in the area of social participation and changes that occur in children with Autism Spectrum Disorder (ASD), the evaluation took place through the questionnaire created by Richeson and McCullough (2002) composed of nine items, with questions on the frequency of child-dog interaction, which was previously validated by the authors who created it. The study by Walden et al. (2020) evaluated the impact of TAC on hospitalized children using a questionnaire with 5 questions, created by Wu et al. (2002), not yet validated. The study by Moreira et al. (2016) interviewed ten guardians and six nurses who were present in the oncological treatment process of children and adolescents who underwent TAC.

Keywords: assessment instrument; evaluation measure; Animal-Assisted Therapy; Dogs.

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Assistida por Animais (TAA) consiste em um tipo de Intervenção Assistida por Animais (IAA) que incorpora intencionalmente uma espécie animal como integrante de um processo terapêutico com objetivos determinados e periodicamente avaliados para mensuração dos resultados (FINE, 2019).

Historicamente o cão é definido como um animal de estimação e apontado como sendo o melhor amigo do ser humano (REED; FERRER; VILLEGAS, 2012). Pesquisas realizadas nas últimas décadas mostram um novo potencial para o cão, que passou a ser incorporado em processos de reabilitação, saúde, bem-estar e qualidade de vida de pessoas em diferentes idades e acometimentos físicos, sensoriais, cognitivos e/ou emocionais (SAHIN; KOSE; ZARIF, 2018; HALL et al., 2017).

No âmbito internacional há um número substancial de publicações sobre a TAA com o cão atuando em um tipo específico de terapia. Por exemplo, há publicações de terapeutas ocupacionais que incorporaram cães em suas intervenções para crianças com deficiência e/ou transtorno do neurodesenvolvimento objetivando o desenvolvimento de habilidades, independência, funcionalidade e qualidade de vida (HILL et al., 2020a, 2020b; HILL; ZIVIANI; DRISCOLL, 2020a, 2020b; HILL et al., 2019a, 2019b; ISAACSON, 2013; VELDE; CIPRIANE; FISHER, 2005).

Entretanto, há literatura que indica a necessidade de evidências cientificamente fundamentadas sobre a efetividade deste tipo de terapia na vida das pessoas, apontando como lacuna padrões na sua concretização e na avaliação para que os resultados possam ser considerados válidos e com isso agrupados e comparados (LÓPEZ-CEPERO, 2020; FINE, 2019, MCCUNE et al., 2014; WILSON e NETTING, 2012).

O estudo de Wilson e Netting (2012) versou sobre o status do desenvolvimento de ferramentas/instrumentos de avaliação no campo das Interações Humano-Animais (IHA), sendo uma continuidade do estudo realizado por Anderson (2007). Importante explicar que a TAA se insere no campo das Interações Humano-Animais (IHA), mas tal campo não se resume a IAA, nem a este tipo de terapia. Wilson e Netting (2012) identificaram 140 ferramentas/instrumentos de avaliação, sendo que apenas 6 voltavam-se para a avaliação da efetividade de algum tipo de IAA. Destas 6 ferramentas/instrumentos de avaliação, 4 foram

utilizadas em Terapia Assistida por Cães, 1 em Atividade Assistida por Animais (AAA) e 1 em Educação Assistida por Animais (EAA), sendo que em 5 dos estudos o animal incorporado foi o cão e em um deles o animal foi o cavalo.

Wilson e Netting (2012) referem que pelos dados encontrados não é possível realizar uma meta-análise sobre o atual estado das ferramentas/instrumentos no campo da IHA e indicam a necessidade de novas revisões sobre as ferramentas/instrumentos utilizados enfocando a finalidade de sua utilização.

Nesta direção, realizar uma revisão sobre ferramentas/instrumentos utilizados em algum tipo de IAA, especificamente em TAA, seria de relevância acadêmica contribuindo para o avanço e aprofundamento no conhecimento sobre as medidas confiáveis para avaliação da eficácia e dos benefícios de tal tipo de terapia.

Diante do exposto, o presente estudo teve como problema de pesquisa a identificação e caracterização de estudos sobre TAA tendo o cão como animal de terapia e que utilizaram ferramentas/instrumentos de avaliação que mensurem efeitos de tal terapia, assim como a descrição de tais ferramentas/instrumentos de avaliação.

A seguir, a fundamentação teórica que respalda o problema de pesquisa e a realização do estudo, será apresentada em quatro subcapítulos, a saber:

1. Intervenções Assistidas por Animais (IAA): definição, fundamentos e subtipos. Terapia Assistida por Animais (TAA) e o Cão como Animal de Terapia.
2. Terapia Ocupacional, TAA e o Cão como Animal de Terapia.
3. Instrumento de Avaliação em Terapia Assistida por Animais, especificamente com o Cão como Animal de Terapia.

1.1 INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS: DEFINIÇÃO, FUNDAMENTOS E SUBTIPOS.

Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) engloba tipos de intervenções que incorporam um animal de maneira intencional com o intuito de obter ganhos terapêuticos, recreativos e/ou educacionais para as pessoas (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN ANIMAL INTERACTION ORGANISATIONS, 2015).

De acordo com Stewart (2014), as IAAs representam um termo interdisciplinar para descrever intervenções que se utilizam de diversos tipos de animais, objetivando o cuidado e o bem-estar do ser humano.

No estudo de Lópes–Cepero (2020) define-se IAAs como um rótulo utilizado para reunir diversos tipos de intervenções programadas que se utilizam ou aproveitam dos benefícios da interação entre o homem e o animal como elemento melhorador ou facilitador das atividades e ações humanas. As IAAs não se constituem por si uma profissão específica. A incorporação do animal no processo pode ser utilizada como suporte para profissões preexistentes, como psicologia, fisioterapia e terapia ocupacional. Para que possam exercer tais atividades, os profissionais deverão cumprir requisitos legais e de qualificação, necessários para o exercício da IAA (LÓPES–CEPERO 2020).

As IAAs quando realizadas com a formação e o treinamento apropriados, têm a capacidade de impactar positivamente em processos terapêuticos de diversas pessoas, em uma ampla variedade de condições e ambientes (CHANDLER, 2005; 2012; FINE, 2004).

Os fundamentos teóricos que embasam as IAA são os da Antrozoologia (área da ciência que estuda as interações entre humanos e animais) (YAP et al., 2017) com base no fenômeno do vínculo humano-animal, expressão original do inglês “human-animal bond” (HAB) cunhado por Leo Bustad, fundador da Delta Society hoje denominada Pet Partners (FINE, BECK, 2019; BINFET; HARTWIG, 2020).

O vínculo humano-animal é fundamentado com base nas teorias: Teoria da Biofilia, Teoria do Apego, Teoria do Suporte Social e Teoria Neurobiológica. A Teoria da Biofilia, em resumo, trata dos seres humanos instintivamente ansiarem por conexão com a natureza, sendo os animais pertencentes à ela, a interação e vinculação com os animais fariam a satisfação deste instinto humano. A Teoria do Apego versa sobre o desejo consciente ou não por proteger e ser protegido, de ser capaz de confiar em alguém e sentir que alguém confia em você, sendo que a interação com os animais constituía o exercício e materialização de tal desejo e capacidade. A Teoria do Suporte Social explica que o animal constitui fonte de apoio sem julgamento estando sempre disponível não se importando com as condições materiais, status social, habilidades ou limitações físicas/sociais que o humano possa ter. Por isso, a presença de um cão em um processo terapêutico torna o ambiente e o terapeuta menos

ameaçadores, constituindo um conectivo entre pessoa-terapeuta. Por fim, a Teoria Neurobiológica baseada em evidências confirma que a interação com animais causa mudança no sistema neuroendócrino, especificamente na ativação da ocitocina que junto com a dopamina, serotonina e endorfina, aumentam as sensações de bem-estar e diminuem nível de cortisol, a pressão arterial, sintomas do estresse e da ansiedade (FINE, BECK, 2019; BINFET; HARTWIG, 2020).

De acordo com a Pet Partners organização americana sem fins lucrativos fundada em 1977 sob o nome Delta Society cujo objetivo tem sido o de treinamento, avaliação e registro de pessoas condutoras de animais para realização de IAA, os animais que podem ser incorporados são cães, gatos, cavalos e burros, porquinhos-da-índia, coelhos, ratos domésticos, aves, porcos em miniatura, lhamas e alpacas (PET PARTNERS, 2017).

Assim, as IAAs, a depender da pessoa que a conduz e dos seus objetivos, é subdividida em 3 tipos: Atividade Assistida por Animais (AAA), Educação Assistida por Animais (EAA) e a Terapia Assistida por Animais (TAA) (SAHIN; KOSE; ZARIF, 2018; HALL et al., 2017, INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN ANIMAL INTERACTION ORGANISATIONS, 2015).

A AAA é definida como interações ou visitas informais, conduzidas de forma voluntária por uma equipe, com objetivos motivacionais, educacionais e/ou recreativos, objetivando melhora na qualidade de vida e sem a intenção de realizar um tratamento (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN ANIMAL INTERACTION ORGANISATIONS, 2015).

Para realização da AAA não é necessário a formação profissional na área da saúde, educação e/ou ciências humanas. No entanto, as pessoas que concretizam uma AAA devem ter treinamento para condução das visitas em conformidade com as diretrizes das organizações que regem as IAA, como a International Association of Human Animal Interaction Organisations (IAHAIO). O conteúdo deste treinamento, deve conter por exemplo noções de saúde e bem-estar da espécie animal, de formas adequadas de conduzir o animal e de colocá-lo em interação com as pessoas prevenindo-o do stress, fadiga, adoecimento e/ou acidentes, entre outros. Alguns exemplos de AAA são: utilização de animais para fornecer conforto na resposta a crise e apoio ao trauma e visitas para

fornecer apoio emocional a residentes de lares de idosos (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN ANIMAL INTERACTION ORGANISATIONS, 2015).

A AAA apesar de buscar uma melhora na qualidade de vida das pessoas assistidas, não é realizada com fins terapêuticos e, portanto, os resultados não serão, necessariamente, avaliados (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021).

A Educação Assistida por Animais (EAA) consiste numa intervenção orientada, planejada, estruturada e dirigida por profissionais educacionais ou serviços relacionados. Geralmente, os profissionais que conduzem essas intervenções são professores do ensino regular ou da Educação Especial. Um exemplo de EAA orientada por professores do ensino regular seria a uma visita educativa voltada para o ensino de como se deve cuidar dos animais. Já no caso da Educação Especial, um exemplo seria a utilização do animal em uma intervenção de leitura assistida por cães. O foco da EAA está nos objetivos acadêmicos que se deseja alcançar com o sujeito, nas habilidades sociais e no funcionamento cognitivo. Neste tipo de intervenção o progresso do aluno é medido e documentado (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN ANIMAL INTERACTION ORGANISATIONS, 2015).

Portanto, a EAA é um recurso pedagógico onde um animal passa a ser parte integrante do processo de ensino e aprendizagem ou do processo de socialização em ambiente escolar (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) consiste na incorporação intencional de um animal em um processo terapêutico, sendo realizadas por um profissional da área de saúde (médico, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, enfermeiro, dentre outros) e/ou da área de ciências humanas (psicólogo ou assistente social). Desta forma, a TAA possui objetivos previamente determinados a partir da realização de uma avaliação inicial e permanente da pessoa alvo da terapia, para o acompanhamento dos resultados e da eficácia do processo terapêutico (VAN FLEET et al., 2019; REED; FERRER; VILLEGAS; 2012). O progresso nas intervenções em TAA devem ser mensurados e incluídos nos registros dos indivíduos (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN ANIMAL INTERACTION ORGANISATIONS, 2015).

Historicamente, a TAA teve início nos trabalhos de Boris Levinson, na década de 1960, nos Estados Unidos, em que realizou a inclusão de seu próprio cão nas seções de terapia de crianças. Na década de 1970, Samuel Corson e Elisabeth Corson seguiram o modelo iniciado por Levinson, incluindo cães em sessões de terapia e passaram a chamar estes atendimentos de “*pet therapy*”. Este modelo de intervenção passou a se desenvolver em diversas partes do mundo, sendo composto por diferentes áreas do conhecimento, o que ampliou seus princípios, fundamentos e terminologias (FINE et al. 2019). A TAA por ser um tipo de IAA possui a mesma base teórica relativa ao fenômeno do vínculo humano-animal, mencionada anteriormente, sendo que o profissional habilitado na condução de processos terapêuticos ao concretizar a TAA irá associar a esta base teórica as teorias, abordagens e modelos específicos e próprios de sua profissão (STEWART, 2014).

Assim, o objetivo de uma TAA irá depender das demandas da pessoa alvo da intervenção e da área de especialidade do profissional, mas pode-se citar alguns objetivos passíveis de serem alcançados com a TAA como estimular e desenvolver habilidades motoras (seja fina e/ou grossa), habilidades cognitivas (como atenção, concentração, memória), estimular a interação social, a comunicação, a autoestima e auxiliar na redução da ansiedade (PET PARTNERS, 2017). Portanto, a TAA pode promover saúde física, social e emocional ao incorporar intencionalmente um animal no processo terapêutico (FINE, 2019).

1.2. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS E O CÃO COMO ANIMAL DE TERAPIA

A TAA por ser um tipo de IAA pode ser realizada com a incorporação dos animais já citados anteriormente (cães, gatos, cavalos e burros, porquinhos-da-índia, coelhos, ratos domésticos, aves, porcos em miniatura, lhamas e alpacas), sendo que cão tem sido o animal preferido pois é uma espécie que em sua maioria possui temperamento afiliativo com seres humanos, ou seja, buscam e gostam da interação com humanos, além de apresentarem grande potencial de treinabilidade (SAHIN; KOSE; ZARIF, 2018).

De acordo com Sahin, Kose e Zarif (2018), o cão demonstra aptidão para auxiliar na melhora das habilidades físicas, sociais, funcionais e cognitivas das pessoas, o que aumenta o

grau de independência e autonomia delas na realização de suas atividades de vida diária (AVD), bem como propicia uma maior interação social.

Em conjunto, o cão é compreendido como um elemento com grande potencial motivador para que os atendimentos sejam colocados em prática, podendo ter papel ativo ou passivo nas tarefas propostas. É importante ressaltar que a participação do cão deve estar de acordo com os objetivos terapêuticos, que são levantados a partir das demandas do sujeito da intervenção (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021; HILL et al., 2020b).

Para que um cão possa ser incorporado em sessões de TAA, é necessário que ele possua requisitos, como: ter comportamento e temperamento previsível e confiável, ter treinamento de obediência, ser socializado no ambiente clínico, passar por avaliação veterinária periódica de sua saúde física e emocional, estar com a vacinação em dia e tratamento preventivo de pulgas, carrapatos e parasitas (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021; HILL et al., 2020b).

O profissional, além da habilitação para realização de intervenções de cunho terapêutico, também deve possuir formação específica para TAA. Destaca-se o Modelo Piramidal de Competências de Stewart (2014) que define as competências em três níveis (essenciais, intermediárias e profissionais) e postula o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários.

No que tange aos conhecimentos, em síntese, o profissional deve ter conhecimento sobre o animal que irá incorporar nas sessões (raça, espécie, fisiologia, comportamento e histórico), sobre o bem-estar, cuidados e saúde do animal, sobre os métodos e técnicas de treinamento positivo e não coercitivo para treinar e socializar o animal para o ambiente terapêutico, sobre o histórico das IAA, subtipos fundamentos e teorias que serão articulados à sua área de atuação do profissional para que o animal seja incorporado nas sessões de modo a atingir os objetivos terapêuticos (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021; PET PARTNERS, 2019, STEWART, 2014).

Em relação às habilidades, em resumo, o profissional deve ser hábil na satisfação das necessidades do animal relativo à nutrição, hidratação, evacuação e descanso para preveni-lo do estresse e esgotamento. Também deve ser hábil na avaliação da adequação do animal para população-alvo. Assim, incorporar o animal de forma intencional no plano terapêutico de uma

pessoa específica, exige habilidades de avaliação da pessoa, do papel e potencial do animal, na idealização de atividades com participação ativa ou não do animal, no uso de estratégias para concretização de tais atividades de forma a assistir e cuidar da pessoa e do animal simultaneamente (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021; PET PARTNERS, 2019, STEWART, 2014).

Por fim, às atitudes do profissional devem ser pautadas na responsabilidade que possui pelo bem-estar, defesa e segurança do animal e das pessoas alvo da intervenção, respeitando as características, interesses e disposição para participar/estar nas sessões. Além disso, o profissional deve manter-se atualizado na terminologia e diretrizes para a prática da TAA, assim como favorecer a conscientização e conhecimento sobre a TAA, colaborando para o desenvolvimento de uma prática ética e baseada em evidências científicas (FIGUEIREDO; ALEGRETTI; MAGALHÃES, 2021; PET PARTNERS, 2019, STEWART, 2014).

1.3. TERAPIA OCUPACIONAL, TAA E O CÃO COMO ANIMAL DE TERAPIA.

No contexto internacional, há uma literatura que relata que terapeutas ocupacionais têm praticado a TAA tendo o cão como animal de terapia. Tal literatura, indica resultados terapêuticos positivos no desempenho ocupacional e na funcionalidade de crianças com alguma deficiência ou transtorno do neurodesenvolvimento que realizam tal tipo de terapia (HILL et al., 2020a, 2020b; HILL; ZIVIANI; DRISCOLL, 2020a, 2020b; HILL et al., 2019a, 2019b; ISAACSON, 2013; VELDE; CIPRIANE; FISHER, 2005).

Jessica Hill, Jenny Ziviani e Carlie Driscoll, terapeutas ocupacionais e pesquisadoras australianas, possuem atuais publicações relativas à incorporação de cães em sessões de terapia ocupacional para crianças no transtorno do espectro autista (TEA).

Em Hill et al. (2020a) investigou-se o impacto da incorporação de um cão de terapia em sessões de terapia ocupacional sobre os comportamentos na tarefa, bem como qualquer impacto que isso pode ter no alcance de metas das crianças dentro do espectro autista, quando comparado à terapia ocupacional de cuidados habituais. Os resultados obtidos indicaram que houve uma tendência positiva para a execução dos comportamentos desejados na tarefa, havendo uma redução no tempo de espera para que a criança emitisse o comportamento relação a crianças do grupo controle e em relação a elas mesmas, quando

comparada a primeira e a última sessão, porém nada estatisticamente relevante, o que aponta para a necessidade de mais estudos na área.

Hill et al. (2020b) buscaram compreender as diretrizes para a prática segura e ética de terapeutas ocupacionais que incorporam o cão como animal de terapia para crianças dentro do Espectro autista e identificaram que para tal são requeridas habilidades que exigem um treinamento específico. Dentre as habilidades destacadas pelas autoras, temos: ter um conhecimento profundo das teorias que fazem o embasamento da prática da TAA e da espécie animal envolvida na terapia, ter flexibilidade, para lidar com situações imprevistas na interação do cão e da criança, ser vigilante e responsivo diante do comportamento do cão de terapia, além disso, é necessário que o cão tenha um bom treinamento e responda bem aos comandos do terapeuta.

Já em Hill, Ziviani e Driscoll (2020a) estudou-se a percepção de familiares de crianças no TEA sobre os benefícios da terapia ocupacional tendo o cão como animal de terapia. Os familiares relataram que a presença do cão proporcionou segurança emocional para os filhos dentro das sessões facilitando a construção do vínculo entre a criança e a terapeuta. Em conjunto, os familiares perceberam que as habilidades e qualidades das terapeutas foram essenciais para o engajamento da criança, e que, portanto, o cão não atua sozinho, mas sim depende da atuação da profissional. As autoras concluíram a necessidade de existir instrumentos de avaliação que garantam resultados mais claros sobre o processo terapêutico.

No estudo de Hill, Ziviani e Driscoll (2020b) investigou-se os benefícios de sessões de terapia ocupacional assistida por cães sob a perspectiva dos terapeutas ocupacionais treinados em TAA que atuavam com crianças no TEA. Como resultados, obtiveram que a incorporação do cão facilitou o desenvolvimento do vínculo terapêutico e aumentou a autonomia e segurança das crianças durante a realização das tarefas requisitadas na sessão. Houve também apontamentos sobre os desafios inerentes a essa prática, como a capacidade do terapeuta de manter seu foco no objetivo do sujeito-alvo, após a inserção do cão na terapia. Em suma, os profissionais apontaram para a importância do impacto trazido pela TAA a sua prática.

O estudo de Hill et al. (2019a) teve como objetivo revisar sistematicamente a literatura atual explorando o impacto das intervenções assistidas por cães na comportamentos sociais de crianças (< 18 anos) diagnosticadas no espectro do autismo. Como resultado, identificaram estudos que sugerem que a IAA pode ter impacto positivo nos comportamentos sociais de crianças com TEA, no entanto, é destacado que foram encontradas fragilidades metodológicas nos estudos encontrados, sugerindo-se, então a necessidade de pesquisas com maior rigor metodológico para a mensuração do impacto da IAA nos comportamentos sociais de crianças com TEA.

Hill et al. (2019b) elaboraram e testaram um protocolo para concretização de sessões de terapia ocupacional assistida por cães para crianças no TEA. No estudo, as autoras apresentam todo o procedimento terapêutico para terapia ocupacional assistida por cães, da primeira à última sessão, totalizando 9 atendimentos. Os resultados obtidos foram: as autoras concluíram que devido à falta de diretrizes e padrões da prática segura de TAA, é crucial o desenvolvimento de protocolos. Elas afirmam que o protocolo tem eficácia, porém não descrevem os resultados observados nas crianças após as 9 sessões de TAA.

As terapeutas ocupacionais e pesquisadoras canadenses Llambias et al. (2016) em estudo sobre o efeito de uma intervenção terapêutica ocupacional com a incorporação de um animal junto a crianças no TEA, verificaram um maior nível de envolvimento das crianças na realização das tarefas propostas. Concluíram que a incorporação do animal nas sessões de terapia ocupacional pode ser uma adição valiosa aos tratamentos convencionais para aumentar o engajamento das crianças com TEA nas tarefas.

As terapeutas ocupacionais e pesquisadoras estadunidenses Velde, Cipriane e Fisher (2005) investigaram a visão de terapeutas ocupacionais e residentes de Terapia Ocupacional sobre a TAA. Como resultado, identificaram que a TAA traz benefícios para os atendimentos de Terapia Ocupacional e que o Modelo de Desempenho de Estilo de Vida (The Lifestyle Performance Model) constituiu uma ferramenta útil para a análise e interpretação dos resultados positivos da TAA para os atendimentos de Terapia Ocupacional.

No cenário nacional, em estudo de revisão nas revistas brasileiras de terapia ocupacional e na base *scielo.br*, as terapeutas ocupacionais e pesquisadoras Figueiredo, Allegretti e Magalhães (2021) não encontraram nenhuma publicação relativa a terapeutas

ocupacionais brasileiras que realizam a TAA tendo os cães como animal de terapia. As autoras encontraram no *Google Acadêmico* apenas três resumos de trabalhos apresentados em eventos, sendo dois deles sobre o uso da TAA com idosos (AIELLO; PRENTEADO; CANDIDO, 2007; QUEIROZ; GUEDEZ; TARSITANO, 2012), uma com adolescentes com deficiência intelectual (BUNDUKI; MILANEZ, 2015) e uma publicação na revista do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional do Ceará sobre a utilização da TAA em crianças e adolescentes institucionalizados (CHAGAS et al., 2009).

Figueiredo, Allegretti e Magalhães (2023) publicaram um estudo de caso que relata os resultados obtidos na realização de um plano de intervenção de terapia ocupacional assistida por cães para uma criança brasileira de 6 anos no TEA. Para a mensuração dos componentes do desempenho, engajamento e comportamento da criança em relação ao cão, foram utilizados a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional e um Checklist desenvolvido por uma das autoras. O cão que participou dos atendimentos pertencia a terapeuta ocupacional que realizava os atendimentos, apresentava temperamento dócil, treinamento básico de obediência, estava em dia com os cuidados com a saúde e antes de cada atendimento era apresentado às atividades que seriam realizadas, para se familiarizar e treinar os comportamentos. O estudo informa que na avaliação pré-intervenção da criança, foram identificadas dificuldades para a mesma realizar atividades de autocuidado e produtivas (brincar e estudar), além de apresentar dificuldade em aceitar e seguir as regras estipuladas para a ocorrência das atividades, aceitar mudanças, alternar atividades e concordar em realizar as novas atividades propostas e manter o interesse e a atenção mesmo com a mudança/alternância de atividades e regras. Após concretizado o plano de intervenção, foi realizada a avaliação pós-intervenção, sendo identificado que com a incorporação do cão, houve um aumento na motivação da criança, na frequência com que ele demonstrava atenção, interesse, persistência, comunicação e proximidade com o cão. As incorporações do cão na última etapa das atividades propostas auxiliaram para que a criança realizasse cada uma das atividades com sucesso. As autoras apontam que o estudo possui limitações, devido a ter sido realizado com apenas uma criança e por um dos instrumentos de mensuração ter sido desenvolvido por uma das autoras e não ter sido validado até o momento de publicação

do estudo, o que indica para a necessidade de pesquisas futuras (FIGUEIREDO; ALLEGRETTI; MAGALHÃES, 2023).

O estudo de Roiz e Figueiredo (2023) objetivou identificar o desenvolvimento ou aprimoramento de componentes do desempenho e do engajamento ocupacional, bem como comportamentos sociais e emocionais de crianças no TEA após realização de intervenções de terapia ocupacional tendo o cão como animal de terapia. O estudo foi realizado com 5 crianças brasileiras com idades entre 3 a 4 anos. Os atendimentos foram gravados e examinadores que não participavam das sessões preencheram um *checklist* a cada atendimento para avaliar o desenvolvimento e desempenho da criança, assim como a interação da mesma com o cão. Como resultado, verificou-se que a presença do cão aumentou o engajamento das crianças nas atividades propostas desde o primeiro atendimento, ampliando o interesse, a atenção e a perseverança em realizar a tarefa, mesmo que com dificuldade. Também se identificou uma melhora nos componentes de desempenho ocupacional sensório-motor e cognitivo e nos comportamentos sociais e emocionais. As autoras concluem que há a necessidade de estudos com um maior número de crianças, para validação de um protocolo de intervenção (ROIZ; FIGUEIREDO, 2023).

1.4. INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO EM TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, ESPECIFICAMENTE COM O CÃO COMO ANIMAL DE TERAPIA.

Fine (2019) refere que a metodologia adotada para concretização da TAA ainda constitui uma questão a ser melhor compreendida, para que se compreenda de que forma o cão atua para auxiliar no processo de reabilitação, assim como o que pode ser feito nas intervenções e de que maneira. Assim, a utilização, o registro e a divulgação de métodos confiáveis são necessários. Isto inclui, por exemplo, a coleta das informações com o registro padronizado de dados comportamentais, emocionais e fisiológicos, tanto do animal como do ser humano. A padronização da avaliação das práticas de TAA permitirá o agrupamento dos resultados cientificamente produzidos, que podem então ser comparados com resultados de outros estudos e/ou reaplicados (FINE, 2019).

A utilização de medidas de avaliação é de fundamental importância para a comprovação da eficácia das intervenções e terapias assistidas por animais. É preciso

melhorar a coerência entre os meios e os fins de uma IAA, para que se possa compreender como esses programas de intervenção funcionam (LÓPEZ-CEPERO, 2020).

Ainda de acordo com o estudo de López-Cepero (2020), a IAA se encontra em um momento que, apesar das melhorias metodológicas nos estudos, existem ainda diversas inconsistências conceituais na área, o que ameaça a validade interna dos estudos. Dessa forma, a existência de métodos de avaliação é importante para auxiliar o crescimento da IAA e da TAA, além de proteger a prática de hipóteses fantasiosas e ideias não apoiadas por evidências.

Anderson (2007) em revisão bibliográfica, encontrou e reuniu instrumentos utilizados para avaliar o vínculo e apego de humanos com seus animais de companhia. Foram selecionados 21 instrumentos de avaliação, sendo que estes foram utilizados em vários estudos, tinham um caráter inovador mensurando e relacionando diferentes aspectos da relação afetiva e de cuidado entre humanos e seus animais de companhia. Um destes instrumentos, o Measurement of Pet Intervention (MOPI) (Schiro-Geist, 2001) foi utilizado em um estudo sobre TAC, tendo o propósito de avaliar o efeito da Terapia Assistida por Cães na funcionalidade da pessoa assistida, considerando mensurando em uma escala likert de um a sete a atenção, o movimento físico, a comunicação e a conformidade avaliada (ANDERSON, 2007).

Wilson e Netting (2012) realizaram um estudo, em continuidade ao de Anderson (2007) revelando o status do desenvolvimento de ferramentas/instrumentos de mensuração no campo das interações Humano-Animais. Foram identificadas 140 ferramentas/instrumentos, sendo a maioria voltados para características e atitudes dos tutores em relação a animais, características e comportamentos dos animais e tipo de relação/interação/vínculo estabelecido entre humano e animal. A minoria, especificamente 6 ferramentas/instrumentos, se voltavam para avaliação da efetividade de intervenções assistidas por animais, sendo 4 utilizados em TAA, 1 em AAA e 1 em EAA. Tais ferramentas/instrumentos são:

- “Animal-Assisted Therapy: Therapy Effectiveness Evaluation” (Lawrence, 2002): mensura os efeitos da TAC em adultos considerando os domínios social, psicomotor, emocional e cognitivo.

- “Equine Client Attachment Checklist” (Brackenridge, 1996): mensura características e comportamentos de clientes de equoterapia com e sem vinculação com o cavalo.
- “Measurement of Pet Intervention” (Heimlich, 2001): mensura o efeito da TAA no funcionamento da pessoa nos domínios atenção da pessoa, movimento físico, comunicação e conformidade.
- “Pet Visitation Program Survey Form” (Fried, 1996): mensura programa de terapia facilitada por animais para promover qualidade de vida em serviço de cuidados paliativos.
- “Staff Attitudes Towards Terapy Dog and AAT Program” (Crowley-Robinson, Blackshaw, 1998): mensura atitudes da equipe em relação ao cão e o programa de TAA.
- “Survey on Pet Animals in the Classroom” (Rud, Beck, 2006): mensura os efeitos da presença de animais de estimação em sala de aula e os efeitos na aprendizagem.

Wilson e Netting (2012) verificaram que grande parte dos instrumentos tiveram um desenvolvimento ou teste inadequados. Além disso, a maioria dos estudos que utilizaram os instrumentos identificados na revisão fizeram um detalhamento inadequado das medidas de mensuração, ou da aplicabilidade do instrumento e/ou sobre os índices de validade e confiabilidade do instrumento para a população investigada. Também verificaram que os instrumentos foram utilizados em estudos com grupos populacionais variados e quando semelhantes às perguntas de pesquisa eram diferentes, ou os próprios instrumentos foram utilizados de forma modificadas, dificultando assim a comparação seja dos resultados obtidos com o instrumento como da adequabilidade do instrumento para o que se pretendia medir.

Para Wilson e Netting (2012) tal situação impede a realização de meta-análise sobre o atual estado dos instrumentos/ferramentas no campo da interação humano-animal, mas novas revisões precisam ser realizadas com foco no mapeamento de fontes, tipos de evidências e sistematização das informações identificadas considerando o propósito da ferramenta/instrumento de avaliação.

Nesta direção, realizar uma revisão sobre ferramentas/instrumentos utilizados em algum tipo de IAA, especificamente em TAA, seria de relevância acadêmica contribuindo para o avanço e aprofundamento no conhecimento sobre as medidas confiáveis para avaliação da eficácia e dos benefícios de tal tipo de terapia.

Em virtude do próprio estudo de Wilson e Netting (2012) ter encontrado número restrito de instrumentos/ferramentas utilizadas em TAA (n=4) e nenhuma outra revisão sobre tais instrumentos/ferramentas foi encontrada, considerou-se que uma revisão de escopo pode responder à demanda por continuidade na investigação uma vez que é o tipo de revisão indicada nas situações em que áreas/temas não foram extensamente pesquisados.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

Investigar a produção de conhecimento relativa à ferramentas/instrumentos de avaliação utilizados em Terapia Assistida por Animais com o cão como animal de terapia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar e caracterizar os estudos conforme o tipo de publicação (artigo, capítulo de livro, resumo expandido de evento científico), ano, autoria, objetivo do estudo, método de pesquisa, amostra, resultados e conclusões.
- Identificar e descrever as ferramentas/instrumentos de avaliação utilizados em TAA com o cão como animal de terapia.
- Avaliar e indicar o nível de evidência das publicações.
- Sistematizar os achados dos estudos relativos a ferramentas/instrumentos de avaliação utilizados em TAA com o cão como animal de terapia.

3.METODOLOGIA

3.1 MÉTODO

A revisão do tipo escopo constitui um método que sintetiza evidências por meio da análise de publicações independente de suas metodologias ou filiação epistemológica. Tal método tem sido utilizado com frequência nas pesquisas em saúde principalmente sobre áreas/temas que ainda não foram pesquisados (PETERS et al., 2020; TRICCO et al., 2018; O'BRIEN et al., 2016).

Foram seguidos os procedimentos recomendados por Peters et al. (2020), Tricco et al. (2018) e O'Brien et al. (2016), a saber:

1. Elaboração das perguntas de pesquisa.
2. Transcrição da pergunta do estudo no acrônimo PICO, definição dos critérios de composição da amostra e fonte de busca, dos instrumentos para coleta e análise dos dados.
3. Acesso a diferentes fontes para busca dos estudos e composição da amostra com base nos critérios de busca e inclusão.
4. Extração das informações relativas às perguntas de pesquisa.
5. Apresentação dos resultados obtidos e analisados de forma numérica e temática/conceitual com respectiva discussão.

As perguntas norteadoras desta revisão de escopo foram: Há literatura sobre TAA tendo o cão como animal de terapia e que utilizou medidas de avaliação de tal tipo de terapia? Quais os instrumentos/ferramentas de avaliação foram utilizados para medir a terapia assistida por cães? De que forma os instrumentos/ferramentas são estruturados e aplicados? Os instrumentos são validados? Os instrumentos se voltam para a avaliação de qual população e/ou variáveis independente do grupo populacional? A transcrição destas perguntas no acrônimo PICO foi:

- Participantes: crianças, adolescentes, adultos e idosos.
- Intervenção: Terapia Assistida com Cães
- Comparação: Própria pessoa ou grupo controle
- Desfechos: Relacionados à saúde do sujeito, considerando os fatores biopsicossociais, a partir de um olhar ampliado.
- Tipo do estudo: independente de sua metodologia.

3.2 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO PARA COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada nas seguintes bases de dados: Nacional Library of Medicine's (PubMed), Elsevier's, Scielo, buscando publicações de 2009 a 2023 sobre Terapia Assistida por Animais tendo o cão como animal de terapia e que utilizou medidas de avaliação de tal tipo de terapia.

Além disso, a busca também foi realizada na plataforma *Google Acadêmico* para acesso à literatura cinzenta, dentre esta, trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, teses, resumos de trabalhos apresentados em evento, entre outros.

A estratégia adotada foi a busca booleana, na qual os descritores são utilizados juntamente com os operadores AND, OR e NOT na combinação de palavras-chave para que se possa alternar, adicionar ou excluir termos. No presente estudo, foram realizadas duas buscas com a utilização de diferentes descritores. Na primeira utilizou-se os descritores [animal assisted intervention] AND/OR [animal assisted therapy] e na segunda, buscando seguir os mesmos descritores utilizados por Wilson e Netting (2012) aplicou-se os descritores [bonding] AND/OR [human-pet].

A busca na Nacional Library of Medicine's (PubMed) foi realizada em 05/12/23 e, além da sentença de descritores, foi utilizado o filtro na data de publicação, selecionando materiais publicados entre 2009 e 2023.

A busca na base de dados Embase, da Editora Elsevier's ocorreu no dia 05/12/23. Para a realização da busca na plataforma, além dos descritores e da limitação da data das publicações (2009 a 2023) foram utilizados os seguintes filtros: Health Professions, Health Professions General e Nursing e foram excluídas as publicações da área de odontologia, para ambas as buscas.

As buscas na base Scielo e na Literatura cinzenta ocorreram no dia 24/01/24, utilizando os mesmos descritores. Na base Scielo, foi utilizado o filtro para limitação de data (2009 a 2023).

Para determinar o final da busca na plataforma *Google Acadêmico*, os artigos foram selecionados, página a página, até que não aparecesse nenhum artigo referente ao assunto pesquisado por três páginas consecutivas.

Visando utilizar as mesmas bases de dados do estudo de Wilson e Netting (2012), também tentou-se realizar buscas na HaPI e PsyINFO, da editora Ovid. No entanto, não foi possível acessar a HaPI (base destinada a instrumentos de avaliação para Psicologia), visto que ela não está incluída nas bases de dados disponibilizadas pelo governo federal por meio do acesso CaFe. Também não foi possível realizar buscas na PsyINFO devido ao fato de que não foi possível localizá-la, mesmo com auxílio da bibliotecária especializada nessas buscas.

Em relação aos critérios para inclusão, eles foram estabelecidos levando em consideração as publicações disponíveis online no período e bases de dados acima citados, que versavam sobre o tema terapia assistida por animais tendo o cão como animal de terapia e que tivessem utilizado alguma medida de avaliação de tal tipo de terapia independente da população alvo das publicações. O período de 2009 a 2023 se justifica devido ao fato da revisão de Wilson e Netting (2012) ter realizado a coleta e análise das publicações ocorridas entre 2000 até 2008.

Assim, foram excluídas as publicações que apareceram na busca, mas não continham os descritores no texto e/ou não tratavam sobre terapia assistida por animais e/ou que o animal de terapia não fosse o cão, e/ou que o estudo não possuísse uma medida de avaliação de tal tipo de terapia.

Na primeira busca foram encontradas 401 publicações, após a remoção de 14 duplicatas e na segunda busca, utilizando os descritores de Wilson e Netting (2012), foram encontrados 546 estudos, após a remoção de 33 duplicatas.

Após a leitura dos títulos e resumos foram excluídas 397 publicações oriundas da primeira busca e 545 publicações da segunda busca, pois não cumpriam com os critérios de inclusão. No entanto, a única publicação oriunda da segunda constituía uma duplicata de uma publicação encontrada na primeira, a saber Moreira et al (2016). Dessa forma, a amostra final foi composta por 4 publicações. Nas Figuras 1 e 2, ilustra-se o processo de busca com a identificação das publicações, exclusão das duplicidades, exclusão por não cumprimento dos critérios de elegibilidade e composição da amostra final.

Figura 1: Processo da primeira busca

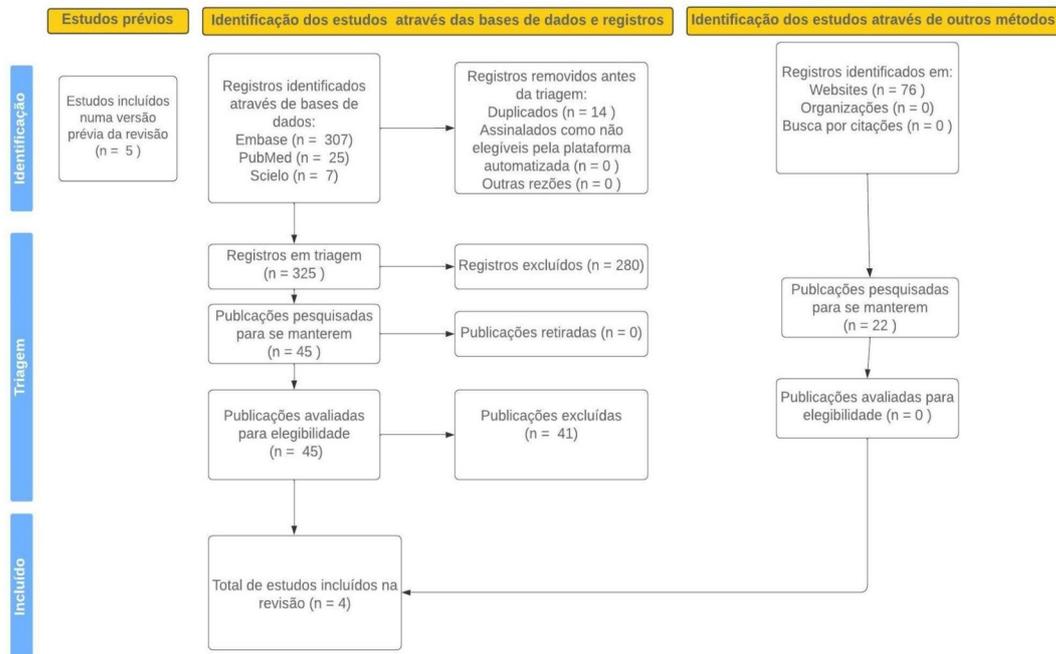
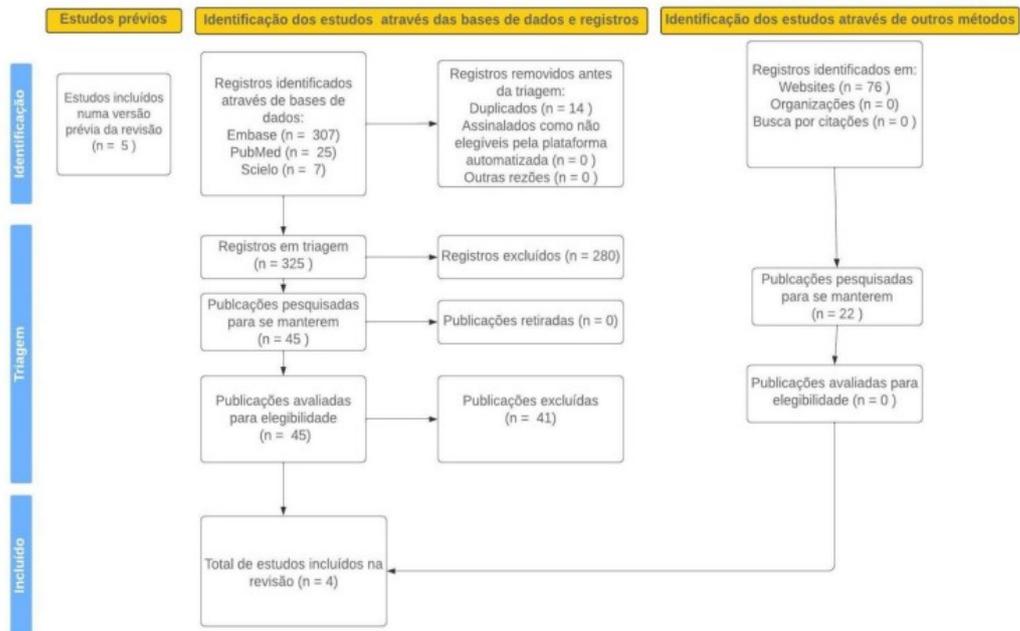


Figura 2: Processo da segunda busca



Nos Quadros 1 e 2 apresentam-se os motivos pelos quais as publicações encontradas respectivamente na primeira e segunda busca foram excluídas.

Quadro 1: Motivos da exclusão das publicações encontradas na primeira busca:

Motivo da exclusão	Número de publicações excluídas
Não é sobre TAC	327
Sumário de publicações	14
Não tem medida de avaliação da TAC	41
Voltado a Equoterapia	13
Aborda a ética	2

Quadro 2: Motivos da exclusão das publicações encontradas na segunda busca:

Motivo da exclusão	Número de publicações excluídas
Não é sobre TAC	540
Não tem medida de avaliação da TAC	5

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A primeira fase da análise dos dados foi descritiva, com o somatório das publicações encontradas e da amostra final, sendo os achados expressos em fluxograma, gráficos e tabelas. Realizou-se também a análise do nível de evidência, de acordo com o Sistema GRADE.

Com o avanço da saúde baseada em evidências, tornou-se necessário um instrumento para avaliar em que nível de cientificidade os resultados de um estudo podem ser recomendados. Para isso, foi desenvolvido o Sistema GRADE (Grading of Recommendations, Assessment, Development and Evaluation), que traz uma padronização na classificação do valor da evidência e na força de recomendação de um estudo. Nesse sistema, as publicações podem ser classificadas em quatro níveis, sendo eles: alto, moderado, baixo e muito baixo (ROEVER, 2021).

Pelo sistema GRADE, estudos têm nível de evidência alto quando é muito improvável que publicações futuras possam modificar a confiança no resultado obtido. As fontes de publicações com alto nível de evidência são: ensaios clínicos randomizados bem delineados, estudos observacionais bem delineados e com achados consistentes e com efeito de intervenção muito forte, que não podem ser explicados por potenciais vieses (ROEVER, 2021).

Estudos com nível de evidência moderado são aqueles em que estudos futuros podem mudar a confiança no resultado obtido, podendo, inclusive, modificar a estimativa sobre esses resultados. As fontes desses estudos são: ensaios clínicos randomizados com limitações leves e estudos observacionais com achados consistentes e com efeito de intervenção forte, sem potencial risco de vieses (ROEVER, 2021).

Já os estudos com nível de evidência baixo são aqueles em que a confiança nos efeitos é limitada e necessitam de trabalhos futuros para consolidar esta confiança. As fontes são: ensaios clínicos randomizados com desfechos substitutos e estudos observacionais de coorte e caso-controle (ROEVER, 2021).

Os estudos com nível de evidência muito baixo são aqueles que têm estimativas incertas acerca dos seus resultados. As fontes destes estudos são estudos observacionais não controlados e observações clínicas não sistematizadas (relatos de caso) (ROEVER, 2021).

A segunda fase da análise foi qualitativa, envolvendo a leitura de todas as publicações na íntegra e extração das informações que respondam as perguntas investigativas

4. RESULTADOS

A amostra analisada foi composta por quatro artigos, sendo estes de Moreira et al. (2016), Silva e Osório (2018), Ávila-Álvarez et al. (2020) e Walden et al. (2020) caracterizados no Quadro 3.

Quadro 3: Artigos que compuseram a amostra

Autoria/Ano publicação/Revista	Título	Objetivo do estudo	Amostra	Método de pesquisa/Nível de evidência	Resultados e conclusões
Moreira RL, Gubert F do A, Sabino LMM de, Benevides JL, Tom MABG, Martins MC, et al. (2016) - Revista Brasileira de Enfermagem	Assisted therapy with dogs in pediatric oncology: relatives' and nurses' perceptions	Compreender a percepção da equipe de enfermagem e dos pais de crianças em tratamento oncológico acerca da Terapia Assistida por Cães.	Dez pais/responsáveis que acompanhavam os filhos(as) nas consultas médicas e seis membros da equipe de enfermagem	Estudo qualitativo baseado na observação participante – Nível baixo de evidência	Pais/responsáveis e equipe de enfermagem apontam que a TAC reduz a ansiedade e o trauma da hospitalização, beneficiando as crianças e adolescentes
Silva NB, Osório FL (2018) - PLoS one	Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients	Propor um protocolo de intervenção e segurança para TAC; Avaliar a eficácia da TAC com crianças em tratamento oncológico ambulatorial	24 crianças com diagnóstico de leucemia e/ou tumores sólidos. A idade média das crianças foi de 8 anos	Estudo quase-experimental – Nível baixo de evidência	Diminuição na dor, irritação e estresse; Tendência na melhora dos sintomas depressivos. Redução na ansiedade, confusão mental e tensão.
Ávila-Álvarez A, AlonsoBidegain M, DeRosendeCeleiro I, VizcanoCela M, LarraetaAlcalde L, TorresTobo G (2020) - Health & social care in the community	Improving social participation of children with autism spectrum disorder: Pilot testing of an early animal-assisted intervention in Spain	Verificar a viabilidade de uma intervenção de TAC precoce e examinar seu impacto nas habilidades de comunicação e interação social em crianças com TEA	19 crianças com idades entre 30 meses e 6 anos, com diagnóstico ou hipótese diagnóstica de TEA	Estudo quase-experimental com recorte longitudinal - Nível baixo de evidência	O score do ACIS aumentou consideravelmente e houve melhora em 6 dos 9 itens avaliados no checklist, que envolviam a interação com o cão e com seu condutor
Walden M, Lovenstein A, Randag A, Pye S, Shannon B, Pipkin E (2020) - Journal of pediatric nursing	Methodological Challenges Encountered in a Study of the Impact of Animal-assisted Intervention in Pediatric Heart Transplant Patients	Avaliar o impacto da TAC na deambulação, estabilidade fisiológica, satisfação e benefício percebido em crianças/adolescentes internadas na unidade pediátrica com cardiopatia congênita ou adquirida	Crianças e adolescentes de 6 a 19 anos, com cardiopatia, internados a pelo menos uma semana	Design de desenho cruzado de dois períodos e duas sequências – Nível baixo de evidência	A TAC trouxe mais motivação para as crianças realizarem a deambulação terapêutica

O artigo de Silva e Osório (2018) teve como objetivo propor um protocolo de intervenção e segurança para a realização de Terapia Assistida por Cães (TAC) e avaliar sua eficácia com crianças em tratamento oncológico ambulatorial. A amostra foi composta por 24 crianças com diagnóstico de leucemia e tumores sólidos. Os critérios de exclusão foram problemas mentais graves, incapacidade de responder às questões incluídas nos instrumentos utilizados, alergia a animais, indisponibilidade/falta de interesse, precaução de isolamento, ferida cirúrgica, uso de dispositivos invasivos, ostomia, sem hemograma atual para avaliação, neutropenia, infecção, febre, diarreia, vômitos, sintomas respiratórios no início da intervenção ou 1 semana antes da intervenção, hospitalização ou cirurgia programada e não conclusão do programa TAC. As crianças que compuseram a amostra foram submetidas a um programa de TAC consistindo em três sessões de 30 minutos em grupo aberto. Dois cães participaram da intervenção (um labrador retriever e um golden retriever) e foram realizadas atividades como estimulação sensorial, treinamento de marcha e socialização. O programa consistiu em três sessões de 30 minutos por semana e ocorreu em grupo aberto com no máximo sete participantes. O número de ausências planejadas por participante era um e a sessão perdida precisava ser substituída para completar um total de três sessões em no máximo 4 semanas. As variáveis avaliadas nas crianças foram estresse, dor, humor, depressão, qualidade de vida, frequência cardíaca e pressão arterial. A avaliação ocorreu por meio dos instrumentos autoaplicáveis: a) "Child Stress Symptoms Inventory" instrumento validado, composto por 35 itens que avaliam a ocorrência ou não de estresse infantil, b) "Faces Pain Scale" escala validada que mensura a intensidade e a persistência da dor em crianças, c) "Adapted Brunel Mood Scale" escala validada que avalia o humor da criança, d) "Child Depression Inventory", instrumento validado, composto por 20 itens que identificam a presença e a severidade de sintomas depressivos de sujeitos entre 7 e 17 anos, e) "Quality of Life Evaluation Scale" instrumento validado, composto por 26 questões que avaliam a qualidade de vida de indivíduos de 4 a 17 anos.

Em adição, Silva e Osório (2018) aplicaram o questionário denominado "Assessment Questionnaire" (AAT) que foi elaborado por eles para avaliar as impressões das crianças sobre a TAC. Este instrumento contém cinco questões para respostas abertas, a saber: 1."Você gostou

de brincar com o cachorro no hospital?, 2. Você acha que as atividades com o cachorro ajudaram no seu tratamento?, 3. "O que você achou de passar um tempo com ele?", 4. "Você acha que seria legal ter sempre um cachorro no hospital?", 5. "Você sugeriria essa atividade com o cachorro para seus amigos?".

Por fim, três instrumentos foram aplicados com os cuidadores, sendo estes: a) "State-Trait Anxiety Inventory" instrumento validado, composto por 34 itens que descrevem comportamentos da criança relacionados à ansiedade, b) "Brunel Mood Scale que completa o Adapted Brunel Mood Scale, com as respostas dos cuidadores, em relação ao humor da criança, c) "Sociodemographic and Clinical Identification Questionnaire" que foi construído para o estudo para coletar dados sobre as características sociodemográficas e clínicas da amostra.

Dentre os resultados, Silva e Osório (2018) verificaram que as crianças após realizarem a TAC, apresentaram diminuição na dor, na irritação e no estresse, além de uma tendência na melhora dos sintomas depressivos. Já os cuidadores, informaram redução na ansiedade, confusão mental e tensão.

No estudo de Ávila-Álvarez et al. (2020) o objetivo foi verificar a viabilidade de uma intervenção de Terapia Assistida por Cães (TAC) precoce e examinar seu impacto nas habilidades de comunicação e interação social de crianças dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou com hipótese diagnóstica de TEA. Participaram do estudo 19 crianças, que cumpriram os critérios de inclusão: residentes na comunidade com idade entre 30 meses e 6 anos, diagnóstico de TEA ou hipótese diagnóstica de TEA, possuir capacidade mental e física para compreender e seguir os procedimentos de intervenção, de acordo com a avaliação do médico especialista da unidade, não ter histórico de cinofobia ou alergia a cães, não ter participado anteriormente de sessões de terapia assistidas por cães, não receber atendimento terapêutico em centro de tratamento diferente da unidade de estudo. Foram excluídas crianças com asma, doença respiratória com componente obstrutivo, em imunossupressão e todas aquelas que apresentavam desconforto excessivo, ansiedade ou medo ao realizar atividades com o cachorro durante a intervenção e crianças que não receberam pelo menos cinco sessões de TAC ao longo do estudo período, visto que esta é considerada a quantidade mínima necessária para se observar resultados clinicamente relevantes (ÁVILA-ÁLVAREZ et al., 2020).

Durante a intervenção, uma terapeuta ocupacional com treinamento especializado em TAC mediou a interação da criança com um cão treinado, com objetivos específicos definidos para cada participante. Cada sessão de TAC durou cerca de 20 minutos e foram realizadas de forma individual, para manter o bem-estar do animal. Na interação criança-cão, a terapeuta atuou como mediadora e facilitadora, incentivando também a participação ativa dos pais nas atividades. Participaram dos atendimentos 5 cães, sendo 3 labradores retriever, 1 pastor-galego e 1 cão d'água espanhol. Foram utilizados vários tipos de atividades, como: falar oi e fazer carinho no cão, dar petisco, água e pentear os cães, atividades lúdicas em que criança e cão tivessem interação (ÁVILA-ÁLVAREZ et al., 2020).

Ávila-Álvarez et al. (2020) utilizaram dois instrumentos padronizados como medidas de resultados, sendo estes:

a) "Assessment of Communication and Interaction Skills (ACIS)" instrumento validado que avalia a comunicação e habilidades de interação social por meio de 20 itens distribuídos em três domínios: fisicalidade, troca de informações e relações.

b) "Animal-assisted Therapy Flow Sheet" *checklist* criado e validado por Richeson e McCullough (2002) para avaliar os efeitos na área da participação social e detectar as mudanças que ocorrem ao longo das sessões nas relações da criança com os cães de terapia e com os terapeutas. Contém nove itens que registram a frequência (nunca, uma vez, duas ou três vezes, várias vezes) na relação social entre a criança e o cão (seis itens: olhar para o cão, tocar o cão, falar com o cão, lembrar e usar o nome do cão, engajar em uma atividade com o cão e lembrar do seu próprio cachorro) e entre criança e terapeuta (três itens: olhar para o condutor do cão, falar com o condutor do cão e lembrar o nome do condutor do cão).

Ávila-Álvarez et al. (2020) verificaram dentre os resultados, que o score do ACIS aumentou consideravelmente entre uma avaliação e outra e melhorias estatisticamente significativas foram encontradas em seis dos 9 itens do "Animal-assisted Therapy Flow Sheet" sendo no olhar para o cão, tocar o cão, falar com o cão, engajar em uma atividade, olhar para o adestrador do cão, falar com o terapeuta do cão. Dessa forma, o estudo comprova os benefícios que os cães proporcionam em sessões de TAC (ÁVILA-ÁLVAREZ et al., 2020).

O estudo de Walden et al. (2020) teve como objetivo examinar o impacto da TAC na deambulação, estabilidade fisiológica, satisfação e benefício percebido em crianças com 6 a 19 anos internadas na unidade pediátrica com diagnóstico de cardiopatia congênita ou adquirida e tempo de internação esperado de pelo menos uma semana. Foram excluídas crianças que estavam extremamente imunossuprimidas, aquelas que tinham alergias conhecidas a cães, que tinham medo de cães, que estavam sob precauções de isolamento devido a razões infecciosas ou que foram diagnosticadas com uma doença global ou atraso no desenvolvimento. As sessões tinham duração de 30 minutos, iniciando com uma caminhada feita pela criança em conjunto com o cão até que indicasse que queria parar ou que o terapeuta identificasse que ela estava cansada ou havia excedido os limites médicos de resistência. Na sequência, eram realizadas atividades como acariciar e pentear o cão, dar petisco entre outras. Para avaliar o impacto da intervenção, foram utilizados quatro instrumentos:

a) "Ambulation Data" para mensuração do tempo que a criança permaneceu deambulando e a distância que ela percorreu.

b) "Physiologic Data" com aferição da pressão arterial e a frequência respiratória da criança antes e após da sessão com o cão e no grupo controle que não teve tais sessões.

c) "Subject Satisfaction Questionnaire" criado pelos autores para mensurar a satisfação da criança por meio da resposta a três afirmações: 1. Gostei de trabalhar com o cachorro, 2. Andei mais longe com o cachorro do que sem o cachorro, 3. Se eu voltar ao hospital, quero.

d) "Child Life Specialist Questionnaire" questionário criado por Wu et al. (2002), não validado, composto por 5 itens, aplicado no final da sessão para avaliar a atividade, o relacionamento, os sentimentos, o ambiente hospitalar e o benefício da sessão percebido pela criança.

Walden et al. (2020) obtiveram como resultado que a pressão arterial e a frequência respiratória permaneceram estáveis, todas as crianças relataram gostar de trabalhar com o cão e 80% delas estavam ativamente envolvidas em contato físico e comunicação com o cão. Como conclusão, apontam que este tipo de intervenção pode trazer mais motivação para que as crianças transplantadas cardíacas fizessem a deambulação terapêutica por meio do passear com cão. Recomendam que novos estudos são necessários para identificar estratégias de

recrutamento bem-sucedidas nesta população de pacientes altamente vulneráveis (WALDEN, et al., 2020).

O estudo de Moreira et al. (2016) teve por objetivo compreender a percepção da equipe de enfermagem e dos pais de crianças em tratamento oncológico acerca da Terapia Assistida por Cães (TAC). Participaram do estudo dez pais/responsáveis que acompanhavam os filhos(as) nas consultas médicas e seis membros da equipe de enfermagem. As sessões foram realizadas na brinquedoteca do serviço de saúde, com duração de uma hora, no momento em que as crianças estariam aguardando para serem chamadas para exames e consultas. As crianças podiam conversar, abraçar, brincar e tirar fotos com o cão, sempre na presença do tutor do cão, de um membro da equipe de enfermagem e de um familiar. Para coleta dos dados, foi aplicada uma entrevista com os cuidadores das crianças/adolescentes e com membros da equipe de enfermagem, composta por uma etapa de caracterização das crianças/adolescentes e dos responsáveis ou equipe de enfermagem e por outra com a realização das perguntas: Você sabe qual é o objetivo de ter um cachorro nesse ambiente? Você acha que o cachorro tem influenciado na saúde do seu filho? (pergunta presente no questionário dos responsáveis). De que forma? Como o enfermeiro pode aplicar TAC no cuidado de crianças e adolescentes com câncer? (pergunta presente no questionário dos profissionais da saúde que participaram (MOREIRA et al., 2016).

Moreira et al. (2016) obtiveram como resultado do estudo que segundo familiares/responsáveis legais e profissionais de enfermagem, a TAC beneficia crianças e adolescentes hospitalizados, pois facilita a adaptação destes no ambiente hospitalar, reduzindo a ansiedade e o trauma da hospitalização (MOREIRA et al., 2016).

Para comparação dos quatro instrumentos de avaliação contidos nas publicações, elaborou-se o Quadro 4 que apresenta quais foram as variáveis avaliadas por cada instrumento, a forma de aplicação do instrumento, a nomenclatura utilizada para terapia assistida por cães e se o instrumento de avaliação é ou não validado.

Quadro 4: Comparativo entre os instrumentos de avaliação

	Instrumento de avaliação	Forma de aplicação	Nomenclatura utilizada para TAC	Validado/não validado
Estudo 119	Entrevista criada pelos autores da Pesquisa	Entrevista realizada por um profissional treinado e habilitado	Terapia Assistida por Cães	Não validada
Estudo 220	AAT Questionnaire	Assessment Questionário auto aplicável	Terapia Assistida por Animais	Não validada
Estudo 321	Animal-assisted Flow Sheet	Therapy Checklist preenchido por um observador da sessão de TAC treinado e habilitado	Intervenção Assistida por Animais	Validado
Estudo 422	Child Life Questionnaire	Specialist Questionário auto aplicável	Intervenção Assistida por Animais	Não validada

5. DISCUSSÃO

A presente revisão de escopo procurou obter respostas para as seguintes perguntas de pesquisa: Há literatura sobre TAA tendo o cão como animal de terapia e que utilizou medidas de avaliação de tal tipo de terapia? Quais os instrumentos/ferramentas de avaliação foram utilizados para medir a terapia assistida por cães? De que forma os instrumentos/ferramentas são estruturados e aplicados? Os instrumentos são validados? Os instrumentos se voltam para a avaliação de qual população e/ou variáveis independente do grupo populacional?

Como apontado anteriormente, na junção dos estudos de Anderson (2007) e Wilson e Netting (2012), foram encontrados apenas 5 instrumentos/ferramentas voltados para a avaliação da Terapia Assistida por Animais publicados entre os anos 2000 a 2008. Por isso, buscou-se em continuidade as revisões acima mencionadas, identificar se houveram publicações de 2009 a 2023 nesta mesma temática.

De acordo com o que foi apresentado nos resultados deste estudo, foram encontrados 4 artigos, publicados entre os anos de 2016 a 2020. O número encontrado denota para uma ainda incipiente literatura sobre TAA tendo o cão como animal de terapia e que utilizou medidas de avaliação de tal tipo de terapia. Em conjunto, considera-se que tais publicações são recentes e que houve um período de sete anos sem publicação, pois as encontradas datam dos últimos 8 anos, sendo uma em 2016, outra em 2018 e duas em 2020.

Lopez-Cerpero (2020) aponta que, apesar do crescimento da literatura sobre TAC na última década, tem-se ainda uma grande preocupação sobre a garantia da validade destes estudos de modo que seja comprovada cientificamente a efetividade dos atendimentos de TAC, uma vez que há uma carência de medidas de avaliação de tal tipo de terapia. Logo, o campo da TAC possui fragilidades, pois melhorias metodológicas coexistem com inconsistências conceituais. Resolver tais fragilidades que ameaçam a validade deste tipo de intervenção é um passo necessário para organizar e efetivar o seu crescimento.

A respeito das fragilidades conceituais, Pandey et al. (2024) pontuam que no campo da Terapia Assistida por Animais utiliza-se vários termos, como por exemplo terapia com animais de estimação, terapia facilitada por animais de estimação, visita assistida por animais de estimação, intervenção assistida por animais, terapia assistida por animais, atividade assistida por animais ou simplesmente visitas/terapia com cães. Diante do baixo número de publicações

encontradas nesta revisão, questiona-se se realmente não houve pesquisas na temática neste período de 8 anos ou se foram realizadas e publicadas adotando outros descritores ou bases de dados, o que não favoreceu a captura nas buscas.

A incipiente produção nesta área do conhecimento fragiliza o desenvolvimento e crescimento da TAC, pois são essenciais medidas confiáveis de avaliação e comprovação da sua eficácia. Tal fato já foi apontado na revisão de Wilson e Netting (2012) sobre instrumentos de avaliação no campo das interações humano-animal, sendo encontrado entre os anos de 2000 a 2008 apenas 6 instrumentos de avaliação em estudos relativos a IAA, sendo 4 deles em TAA. Conforme indicado nos resultados, a primeira publicação encontrada data de 2016, ou seja, 8 anos após a publicação mais recente encontrada por Wilson e Netting (2012).

Este achado corrobora com os apontamentos de Lopez-Cerpero (2020) e Wilson e Netting (2012) sobre haver uma falta de instrumentos adequados para mensuração da Terapia Assistida por Cães, o que compromete a própria análise de sua eficácia.

Sobre a importância dos instrumentos de avaliação para TAC, Wilson e Netting (2012) apontam que há um número significativo de pesquisas na área de IAA, mas que carecem tanto de ferramentas com validade e confiabilidade, como também da adoção de uma terminologia comum. Tais pesquisas ao utilizar tais ferramentas e consenso terminológico podem favorecer a construção de um banco de dados analítico de modo a fornecer evidências para o campo.

Fine et al. (2019) também afirmam que apesar do aumento da realização de TAC, ainda é necessário esclarecer a efetividade deste tipo de intervenção na vida dos sujeitos, por meio de evidências científicas.

Outro ponto a ser observado é o público-alvo dos instrumentos de avaliação encontrados nesta revisão. Os quatro estudos identificados foram realizados com crianças e/ou adolescentes. Tal fato levanta outro questionamento relativo ao foco da TAC, estaria tal tipo de terapia sendo realizada em maior frequência com o público pediátrico?

Pesquisas apontam que a incorporação intencional do cão de terapia tem diferentes funções, a depender da faixa etária dos assistidos. Para crianças e adolescentes o cão tem sido incorporado com o foco no desenvolvimento, o que requer instrumentos capazes de capturar quais são os atrasos existentes e em que nível se apresentam tanto antes como após a intervenção. Já para os adultos, o foco estaria no estabelecimento de relações saudáveis, o que

não necessariamente requer instrumentos para obtenção de informações quantitativas sobre as pessoas, mas sim qualitativas e relativas às suas subjetividades (Viau et al., 2010; Davis et al., 2004; Smyth & Slevin, 2010).

Nos estudos de Hill et al. (2019) e (2020a) voltados para o público infantil e/ou adolescente no Transtorno do Espectro Autista, verificou-se a elaboração, implementação e testagem de um protocolo de TAC, tendo sido adotado instrumentos para mensuração do desenvolvimento pré e pós-intervenção.

O estudo de Pandey et al. (2024) buscou identificar o papel da TAC no bem-estar das pessoas. Para isso, realizaram uma revisão sistemática que identificou evidências qualitativas e quantitativas sobre este tipo de intervenção. Na revisão, foram encontrados 16 estudos, sendo que em todos eles o animal de terapia era o cão. Em 9 destes estudos foi informado que foi realizada TAC, em 4 foi mencionado que ocorreu uma interação com o cão e em 3 foi referido que o cão esteve presente em momentos importantes, como apoio para as pessoas. O público-alvo identificado nos estudos que compuseram foi abrangente, sendo 7 estudos com crianças e adolescentes hospitalizados, em tratamento oncológico, com problemas odontológicos, com distúrbios psiquiátricos, com estresse pós-traumático devido a abuso ou dentro do espectro do autismo. Em outros 7 estudos a população envolvida foram adultos com questões psiquiátricas, ansiedade e que estavam em tratamento oncológico e em 2 estudos amostra foi com idosos com quadro de Alzheimer.

O estudo de Mandrá et al. (2019) objetivou verificar evidências sobre aplicação da TAA na saúde por meio de uma revisão sistemática no período de 2010 e 2018, em publicações em português ou inglês, com acesso eletrônico livre e que mencionava as características do programa de intervenção. A partir dos critérios de inclusão, a amostra foi composta por 43 artigos publicados em 30 periódicos, com faixa etária entre 3 e 99 anos, de ambos os gêneros. A população estudada possuía diferentes diagnósticos, com predomínio de TEA (n=7) e na sequência demência (n=6), câncer (n=5), transtornos psiquiátricos diversos (n=5), paralisia cerebral (n=4), dor (n=4), transtornos da comunicação (n=3), participantes saudáveis (n=2), hipertensão (n=1), obesidade (n=1), acidente vascular cerebral (n=1), síndrome de down (n=1). A população infantil foi participante em 19 artigos sendo esta diagnosticada no TEA (n=3), paralisia cerebral (n=3), com transtornos da comunicação (n=2), câncer (n=2), dor (n=2), proce-

dimentos cirúrgicos (n=1), síndrome de down (n=1) e obesidade (n=1). Com a população adulta/idosa a TAA foi recurso para a reabilitação física (n=12). Em 31 artigos o cão foi o animal participante da TAA, seguido pelo cavalo (n=8). A partir dos achados, as autoras concluíram que há evidências científicas sobre o uso da TAA, no Brasil e no mundo, com programas concretizados por diferentes profissionais da saúde e educação, mas a revisão não traz nenhuma informação sobre os instrumentos de avaliação utilizados em cada estudo, uma vez que este não era objetivo de pesquisa.

Em relação a quais variáveis foram analisadas nos estudos de TAC, em virtude do número pequeno de publicações não se verificou similaridades. Por exemplo, Sílvia e Osório (2018) avaliaram os efeitos da TAC no nível de dor, irritação, estresse, ansiedade, confusão mental e sintomas depressivos, Ávila-Álvez et al. (2020) analisaram os efeitos da TAC na relação da criança com o cão e com o terapeuta/conductor do cão, Walden et al. (2020) olharam para a variação na motivação que a presença do cão trazia para os sujeitos participantes da pesquisa e Moreira et al. (2016) focaram nas variações no nível de ansiedade e redução dos traumas advindos da hospitalização.

Com isso, considera-se que as variáveis analisadas nestes estudos são diversas, assim como os instrumentos utilizados para tal. A mesma ocorrência já havia sido indicada por Anderson (2007) e Wilson e Netting (2012), em suas revisões. O único estudo encontrado por Anderson (2007) analisou as alterações na atenção, movimentos físicos e comunicação favorecidos pela TAC. Nos seis estudos encontrados por Wilson e Netting (2012) cada um avaliou uma variável ou conjunto de variáveis por meio de instrumentos diversos, a saber para as alterações sociais, psicomotoras, emocionais e cognitivas foi utilizado o “Animal-Assisted Therapy: Therapy Effectiveness Evaluation”, para as características e comportamentos do sujeito adotou-se o “Equine Client Attachment Checklist”, para a atenção da pessoa, movimento físico, comunicação e conformidade fez uso do “Measurement of Pet Intervention”, para a qualidade de vida adotou-se o “Pet Visitation Program Survey Form”, para tomada de atitude o “Staff Attitudes Towards Therapy Dog and AAT Program” e os efeitos na aprendizagem foi aferido com o “Survey on Pet Animals in the Classroom”.

Tais achados por um lado denotam que a TAC pode ser benéfica para diferentes finalidades, por outro lado em virtude das publicações serem únicas compromete as

comparações e generalizações que poderiam gerar um banco de dados relativos a eficácia deste tipo de intervenção para determinada população, demanda e variáveis investigadas (FINE, 2019; LOPEZ-CERPERO, 2020; WILSON, NETTING, 2012).

A respeito da validade dos estudos, com foco no tipo de instrumento de avaliação, sua estrutura e forma de aplicação, sabe-se que os padronizados e com confiabilidade são aqueles capazes de mensurar com fidedignidade e menor risco de viés gerando uma evidência com força de recomendação, generalização e replicabilidade (ROEVER, 2021). Conforme os resultados apresentados, todas as publicações se categorizaram com nível de evidência baixo, sendo reapresentados e discutidos abaixo.

No estudo de Silva e Osório (2018) foi utilizado o “AAT Assessment Questionnaire”, que trata-se de uma entrevista com perguntas elaboradas pelos autores da pesquisa para identificar se os participantes gostaram ou não das atividades realizadas com o cão e se gostariam de estar mais tempo em contato com o animal. Além do instrumento não ter sido validado, também não foi randomizado e com caso-controle.

No estudo de Moreira et al. (2016) foi realizada uma entrevista com roteiro de questões semiestruturadas elaboradas pelos autores da pesquisa. O roteiro foi aplicado por uma entrevistadora previamente treinada e as entrevistas foram gravadas, com o aceite dos participantes. A pesquisa consistiu em estudos de casos, com a comparação da criança/adolescente com ela mesma. A entrevista em questão foi realizada com os profissionais que cuidavam dos casos e com os familiares das crianças/adolescentes, com duas frentes de perguntas, a primeira voltada para a caracterização da criança e do adolescente e a segunda parte voltada para a percepção dos participantes sobre sua relação com os cães de terapia.

No estudo de Walden et al. (2020) o instrumento foi o “Subject Satisfaction Questionnaire”, um questionário elaborado pelos próprios autores da pesquisa, que consiste em quatro perguntas sobre como a pessoa avalia a participação do cão em suas intervenções. O questionário foi aplicado nos participantes ao final do programa de intervenção de TAC, pelas próprias pessoas que realizaram a intervenção. A pesquisa consistiu em um estudo de casos, com a comparação dos resultados do sujeito com ele mesmo antes e após as sessões de TAC.

No estudo de Ávila-Álvarez et al. (2020) foi utilizado um questionário em forma de *checklist* intitulado “Animal-assisted Therapy Flow Sheet”, composto por 9 itens sendo 6 sobre

a relação criança/cão e 3 sobre a relação criança/terapeuta para identificar as frequências de determinados comportamentos da criança. Este instrumento foi criado e validado por Richeson e McCullough (2002) e Ávila-Álvarez et al. (2020) afirmam que o *checklist* apresenta um bom nível de confiabilidade e foi desenvolvido especificamente para avaliar a relação social entre os humanos e o animal. Apesar da validade e confiabilidade do instrumento de avaliação em questão, o estudo de Ávila-Álvarez et al. (2020) se caracterizou com um baixo nível de evidência devido ao fato de ter sido um estudo quase experimental, com comparação do sujeito com ele mesmo, não randomizado e não controlado, o que seria necessário para que o nível de evidência da pesquisa em questão fosse maior.

Como pode-se verificar, 2 dos quatro instrumentos encontrados tratam-se de entrevistas semiestruturadas, elaboradas pelos próprios pesquisadores e um é um questionário também estruturado pelos autores. Os três instrumentos citados buscam analisar a interpretação das crianças, de seus pais e seus responsáveis sobre a TAA. Apenas um instrumento de avaliação, o de Ávila-Álvarez et al. (2020) é um instrumento de avaliação validado, preenchido por pessoas que não são próximas dos sujeitos participantes da pesquisa e levanta questionamentos acerca da relação da criança com o cão e com o terapeuta.

Na revisão sistemática de Pandey et al. (2024), das 16 publicações que compuseram a amostra, 12 foram estudos randomizados controlados, ou seja, com alto nível de evidência, de acordo com o Sistema GRADE. Tais estudos utilizaram medidas de avaliação precisas e validadas para identificar a influência da TAA no bem-estar das pessoas, como por exemplo Posttraumatic Stress Disorder Reaction Index for DSM-5, State-Trait Anxiety Inventory (STAI) for Children, Patient Health Questionnaire-4 (PHQ-4), Mini-Mental State Examination (MMSE), and 15-item Geriatric Depression Scale (GDS), and general functional measures such as Mental Health–Social Functioning Scale, Social Adaptive Function Scale, chair stand test, Timed Up and Go, Assessment of Communication and Interaction Skills. Apesar da adoção de instrumentos validados pelos estudos, nenhum instrumento era voltado para mensurar a TAC, mas sim variáveis para as quais a TAC foi aplicada, como por exemplo ansiedade, depressão, habilidade de comunicação e interação.

De acordo com Pandey et al. (2024), a literatura sobre TAC têm fortalecido a crença de que estes podem desempenhar um papel benéfico no processo de cuidado dos seres humanos,

mostrando resultados positivos e moderadamente fortes em vários aspectos, como no bem-estar, no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, para a linguagem e interação social. Tal literatura indica a eficácia deste tipo de terapia, mas também aponta a existência de limitações como a inexistência de um protocolo de atendimento para as sessões, ausência de legislação para homogeneizar esta prática, grande variação de terminologia nas publicações sobre a temática, poucos instrumentos de avaliação especificamente elaborados para mensurar a terapia assistida por cães e utilização de instrumentos de avaliação não validados. Várias organizações em diferentes países estão trabalhando ativamente para promover a TAA e implementar diretrizes abrangentes para os animais em estabelecimentos de saúde, que enfatizam a importância de políticas e programas formais de treinamento para os animais e seus condutores

Por fim, com base nos resultados desta revisão e dos achados e conclusões de Pandey et al. (2024), Fine (2019) e Lopez-Cerpero (2020) torna-se claro que ainda se faz-se necessário novos estudos sobre medidas de avaliação da TAC, sendo que a continuidade do desenvolvimento de conhecimento científico relativo a esta prática depende da adequação das medidas de mensuração utilizadas, para que possam captar com veracidade os valores e impactos de tal tipo de terapia para as pessoas assistidas.

6. CONCLUSÃO

A presente revisão de escopo, buscou analisar a literatura sobre TAA tendo o cão como animal de terapia e que utilizou medidas de avaliação de tal tipo de terapia, com base em estudos de revisão que buscaram identificar instrumentos de avaliação no campo da interação humano-animal, sendo que a TAA tendo o cão como animal de terapia se enquadra nessas interações. Em virtude do período investigado por tais revisões ter sido de 2000 a 2008, nesta revisão de escopo o período foi de 2009 e 2023.

Diante da identificação de apenas quatro publicações, considera-se uma literatura ainda incipiente sobre TAA tendo o cão como animal de terapia e que utilizou medidas de avaliação de tal tipo de terapia. Em adição, identificou-se um período de sete anos sem publicação, pois as encontradas datam dos últimos 8 anos, sendo uma em 2016, outra em 2018 e duas em 2020.

Como indicado nos resultados, foram identificados quatro estudos e em cada uma medida de avaliação da Terapia Assistida por Cães. Dentre estas medidas de avaliação, duas eram questionários criados pelos próprios autores das pesquisas e aplicados pelos terapeutas nos sujeitos alvo da intervenção e/ou seus cuidadores, uma era uma entrevista semi-estruturada criada pelos autores da pesquisa e aplicada pelo terapeuta nos sujeitos alvo da terapia e um era um *checklist* validado, preenchido a partir da observação de profissionais capacitados que observaram as seções de TAC, sem participar ativamente delas..

Todos os estudos encontrados tinham como população alvo crianças e/ou adolescentes, o que levantou a hipótese de que a TAC é mais aplicada com este público.

A respeito do quantitativo encontrado, ano de publicação e mesmo público alvo, fez-se com base na literatura o questionamento sobre existirem outras publicações que não foram encontradas em virtude de terem utilizado outros descritores. Desta forma, os descritores adotados neste estudo (“animal assisted intervention” AND/OR “animal assisted therapy”, “bonding” AND/OR “human-pet”) capturaram apenas quatro publicações nos anos referidos e com a população infantil, mas pode haver outras que utilizaram termos referido na literatura como usuais, a saber terapia com animais de estimação, terapia facilitada por animais de estimação, visita assistida por animais de estimação, atividade assistida por animais ou visitas/terapia com cães.

A respeito dos instrumentos de avaliação encontrados, apenas um era validado, os demais foram criados pelos próprios autores da pesquisa. Nesta direção, o nível de evidência dos estudos analisados se configurou como baixo nível, devido ao fato de seus métodos de pesquisa serem estudos quase-experimentais e/ou de observação de participantes, sem grupo-controle e com resultados dos participantes comparados com eles mesmos.

Diante dos achados desta revisão de escopo e a partir da literatura utilizada para discussão dos mesmos, conclui-se que houve um crescimento na produção de conhecimento sobre TAC, mas há fragilidades conceituais que podem estar comprometendo a identificação de tais produções. Em adição, há fragilidades metodológicas que podem comprometer a validade deste tipo de terapia, sendo necessária a ocorrência de avaliação da efetividade baseada em alto nível de evidências.

Nesta direção, considera-se necessário o desenvolvimento e validação de instrumentos que avaliem a TAC, ou seja que meçam o processo deste tipo de terapia e seus efeitos nas diversas populações que podem ser assistidas.

Por fim, compreende-se necessário novos estudos de revisão com a utilização de outros descritores e bases de dados para identificação de outras ferramentas/instrumentos de avaliação capazes de mensurar a TAC e propiciarem o avanço e aprofundamento no conhecimento sobre a eficácia e benefícios de tal tipo de terapia.

7. REFERÊNCIAS

AIELLO, K. R.; PENTEADO, A.; CÂNDIDO, F. M. N. A influência da terapia ocupacional assistida por cães na afetividade e interação social de idosos institucionalizados. Apresentado no Congresso brasileiro de atividades, 2007.

ANDERSON, D. C. *Assessing the Human–Animal Bond: A Compendium of Actual Measures*. West Lafayette: Purdue University Press, 2007.

ÁVILA-ÁLVAREZ, A. et al. Improving social participation of children with autism spectrum disorder: Pilot testing of an early animal-assisted intervention in Spain. **Health & Social Care in the Community**, v. 28, n. 4, 5 fev. 2020.

BINFET, J.-T.; ELIZABETH KJELLSTRAND HARTWIG. **Canine-Assisted Interventions**. [s.l.] Routledge, 2020.

BUNDUKI, T. O. L.; MILANEZ S. G. C. Terapia assistida por cães na aprendizagem de adolescentes com deficiência intelectual. In: Congresso de extensão universitária da Unesp, 8, 2015. Disponível em: <http://200.145.6.205/index.php/congressoextensao/8congressoextensao/paper/viewFile/1128/893>. Acesso em: 14/06/2021

CHAGAS, J. N. M. et al. Terapia Ocupacional e a Utilização da Terapia Assistida por Animais (TAA) em Crianças e Adolescentes Institucionalizados. **Revista Crefito-6**, 14ª. Edição– 2009.

CHANDLER, C. K. **Animal Assisted Therapy In Counseling**. [s.2] Routledge, 2005.

CHANDLER, C. K. **Animal Assisted Therapy In Counseling**. Routledge, 2012.

DAVIS, B. W. et al. Assistance dog placement in the pediatric population: Benefits, risks, and recommendations for future application. **Anthrozoös**, v. 17, n. 2, p. 130–145, jun. 2004.

FIGUEIREDO, M. DE O.; ALEGRETTI, A. L.; MAGALHÃES, L. Terapia ocupacional assistida por cães: uma revisão de escopo da literatura brasileira. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, 2021.

FIGUEIREDO, M. O.; MAGALHÃES, L.; ALEGRETTI, A. L. Canine-Assisted Occupa-

FINE, A. H. Incorporating animal-assisted therapy into psychotherapy: Guidelines and suggestions for therapists. In A. H. Fine, A. H. **Handbook on animal-assisted therapy : foundations and guidelines for animal-assisted interventions**. London, U.K.: Academic Press is an imprint of Elsevier, 2019.

HALL, S. S. et al. A survey of the impact of owning a service dog on quality of life for individuals with physical and hearing disability: a pilot study. **Health and Quality of Life Outcomes**, v. 15, n. 1, jan. 2017.

HILL, J. et al. Can Canine-Assisted Interventions Affect the Social Behaviours of Children on the Autism Spectrum? A Systematic Review. **Review Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 6, n. 1, p. 13–25, 15 out. 2019.

HILL, J. et al. Canine Assisted Occupational Therapy for Children on the Autism Spectrum: A Pilot Randomised Control Trial. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 50, n. 11, 7 abr. 2020.

HILL, J. et al. Canine Assisted Occupational Therapy: Protocol of a Pilot Randomised Control Trial for Children on the Autism Spectrum. **Open Journal of Pediatrics**, v. 09, n. 03, p. 199–217, 2019.

HILL, J. et al. Canine-assisted occupational therapy for children on the autism spectrum: Challenges in practice. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 83, n. 4, p. 030802261985885, 29 jun. 2019.

HILL, J. R.; ZIVIANI, J.; DRISCOLL, C. “The connection just happens”: Therapists’ perspectives of canine-assisted occupational therapy for children on the autism spectrum. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 67, n. 6, 8 jun. 2020.

HILL, J. R.; ZIVIANI, J.; DRISCOLL, C. Canine-assisted occupational therapy for children on the autism spectrum: Parents’ perspectives. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 67, n. 5, 22 mar. 2020.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN-INTERACTION ORGANIZATIONS. The IAHAIO definitions for animal-assisted intervention and guidelines for wellness of animals involved. In: Fine, A. H., **Handbook on animal-assisted therapy: Foundations and guidelines for animal-assisted interventions** San Diego: Elsevier Academic Press, 2015. p. 415–418

ISAACSON, M. The Training and Use of Service Dogs in Occupational Therapy Education. **The Open Journal of Occupational Therapy**, v. 1, n. 2, 28 fev. 2013.

LÓPEZ-CEPERO, J. Current Status of Animal-Assisted Interventions in Scientific Literature: A Critical Comment on Their Internal Validity. **Animals**, v. 10, n. 6, p. 985, 5 jun. 2020.

MACCUNE, M. E. et al. Effects of Classroom Animal-Assisted Activities on Social Functioning in Children with Autism Spectrum Disorder. **The Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 20, n. 3, p. 162–168, mar. 2014.

MANDRÁ, P. P. et al. Animal assisted therapy: systematic review of literature. **CoDAS**, v. 31, p. e20180243, 27 jun. 2019.

MCCULLOUGH, W. T.; RICHESON, N. E. An evidence-based animal-assisted therapy protocol and flow sheet for the geriatric recreational therapy practice. v. 1, n. 1, 1 jan. 2002.

MOREIRA, R. L. et al. Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 6, p. 1188–1194, dez. 2016.

O'BRIEN et al. A scoping review on the conduct and reporting of scoping reviews. **BMC Medical Research Methodology**, v. 16, n. 1, p. 1–10, 9 fev. 2016.

PANDEY, R. P. et al. The Role of Animal-Assisted Therapy in Enhancing Patients' Well-Being: Systematic Study of the Qualitative and Quantitative Evidence. **JMIRx Med**, v. 5, n. 1, p. e51787, 18 mar. 2024.

PETERS, M. D. J. et al. Updated methodological guidance for the conduct of scoping reviews. **Evidence Implementation**, v. 19, n. 1, p. 3–10, mar. 2021

QUEIROZ, R. L.; GUEDES, C. B.; TARSITANO, A. L. B. A terapia ocupacional e a terapia assistida por animais: um novo olhar sobre o cotidiano de idosos institucionalizados com declínio cognitivo grave. In. IV Simposio de Geriatria e Gerontologia e IX Jornada Gerontologica do IPGG. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Saúde, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/instituto-paulista-de-geriatria-e-gerontologia-ipgg-joseermirio-de-moraes/biblioteca/resumo-de-trabalhos-iv-simposio-ipgg-2012>
Acesso em:14/06/2021

REED, R.; FERRER, L.; VILLEGAS, N. Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. v. 20, n. 3, p. 612–618, 1 jun. 2012.

ROEVER, L. et al. Compreendendo o GRADE: PICO e qualidade dos estudos. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 19, n. 1, p. 54–61, 2021.

ROIZ, R. G.; FIGUEIREDO, M. O. TERAPIA OCUPACIONAL ASSISTIDA POR CÃES PARA CRIANÇAS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO

AUTISTA: ESTUDO DE CASO COLETIVO. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 8, p. 4577–4595, 15 ago. 2023.

ŞAHIN, S.; KOSE, B.; ZARIF, M. Animal-Assisted Therapy in Occupational Therapy. **Occupational Therapy - Therapeutic and Creative Use of Activity**, 21 nov. 2018.

SILVA, N. B.; OSÓRIO, F. L. Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients. **PLOS ONE**, v. 13, n. 4, p. e0194731, 4 abr. 2018.

SMYTH, C.; SLEVIN, E. Experiences of family life with an autism assistance dog. **Learning Disability Practice**, v. 13, n. 4, p. 12–17, 6 maio 2010.

STEWART, L. A. Competencies in animal assisted therapy in counseling: a qualitative investigation of the knowledge, skills and attitudes required of competent animal assisted therapy practitioners. 1 jan. 2014.

tional Therapy: case study with a child on the autism spectrum. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v.27, n.7, p.3547-3564, 2023.

TRICCO, A. C. et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. **Annals of Internal Medicine**, v. 169, n. 7, p. 467–473, 4 set. 2018.

VAN FLEET, R. et al. Application of animal assisted interventions in professional settings: An overview of alternatives. In: FINE, A. H. **The handbook of Animal Assisted Therapy**. 5th edição. 2015. p.158-174

VELDE, B. P.; CIPRIANI, J.; FISHER, G. Resident and therapist views of animal-assisted therapy: Implications for occupational therapy practice. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 52, n. 1, p. 43–50, mar. 2005.

VIAU, R. et al. Effect of service dogs on salivary cortisol secretion in autistic children. **Psychoneuroendocrinology**, v. 35, n. 8, p. 1187–1193, set. 2010.

WALDEN, M. et al. Methodological Challenges Encountered in a Study of the Impact of Animal-assisted Intervention in Pediatric Heart Transplant Patients. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 53, p. 67–73, jul. 2020.

WILSON, C. C.; NETTING, F. E. The Status of Instrument Development in the Human–Animal Interaction Field. **Anthrozoös**, v. 25, n. sup1, p. s11–s55, ago. 2012.

WU, A. S. et al. Acceptability and impact of pet visitation on a pediatric cardiology inpatient unit. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 17, n. 5, p. 354–362, out. 2002.